

Porque Žižek? Porque Agora?

IJŽS Vol 1.1

Dr Paul A. Taylor, Institute of Communications Studies, University of Leeds.

Nota do editor - Este artigo foi traduzido amavelmente por Liliana Osorio, um estudante da língua Portuguesa e Inglesa e literatura em Faculdade de Letras da Universidade de Porto.

Introdução

O Jornal Internacional dos Estudos de Žižek (IJŽS) é um escape académico para uma vasta gama de perspectivas e focagens disciplinares da obra de Slavoj Žižek, um filósofo crítico e teórico cultural esloveno difícil de categorizar que, com uma mistura inigualável de provocação e profunda introspecção, aplicou criativamente a sua combinatória de filosofia idealista germânica com a teoria psicanalítica lacaniana a um conjunto admirável de tópicos culturais e políticos. (Para uma pequena amostra deste ecletismo por favor veja a lista online de recursos sobre Žižek disponível na página da Informação). A ideia original para o Jornal surgiu directamente do seu semelhante online *Jornal Internacional dos Estudos Baudrillard* editado por Gerry Coulter na Bishops University do Quebeque. Esta publicação sugeriu uma solução construtivista para a irónica situação de académicos que estudam pensadores radicais, mas que exibem atitudes conservadoras relativamente aos aspectos práticos inerentes à disseminação do seu trabalho. O formato online do IJŽS está desenhado para se adequar à natureza tropical do seu resultado (ver David Gunkel's "Porquê Žižek, Porquê Online?" no Vol. 1.1) e cria um espaço para discussão académica para ajudar a evitar a cooptação da sua linha crítica pela cultura dos excertos televisivos da corrente mais popular dos media.

A simpatia descontraída intrínseca a Žižek fez dele um forte contraponto para a escolha mais típica e urbana de figuras representativas dos media, que vão desde representantes das corporações de pesquisa bastante preocupados com a imagem, até à rispidez gálica mais estrategicamente descuidada de figuras como Bernard Henri Levy. A aparente necessidade dos media o caricaturarem, em parte como Rasputine e em parte como Groucho Marx, é talvez uma distracção estratégica das implicações perturbadoras que o seu trabalho tem para a nossa interpretação implícita ou explícita das ideologias da cultura popular e do típico amour-propre dos

seus fornecedores. Muito admirado pelo seu discurso altamente energético de material esotérico, sob alguns aspectos desconcertante, a sua irreprimível joie de théorie é, ainda assim, difícil de recuperar. Jean Baudrillard usa a frase "dose mortal de publicidade" que com demasiada frequência aniquila a essência do pensamento radical. No filme *Žižek!* o epónimo teórico admite que: "A minha grande preocupação não é ser ignorado mas sim ser aceite". Esta é a fina corda pela qual ele caminha no centro das atenções dos media. O seu trabalho acumula grande atenção mas sempre correndo o risco de a complexidade total do seu pensamento ser perdida no deslumbramento.

In *Crise na Cultura* Hannah Arendt observou memoravelmente: "Há muitos grandes autores do passado que sobreviveram a séculos de esquecimento e abandono, mas permanece em aberto se eles serão capazes de sobreviver a uma versão lúdica daquilo que eles têm a dizer." Mais tarde em *Žižek!* Slavoj especula "Estou quase tentado a dizer que fazer de mim popular é resistir a levar-me a sério". Pode parecer hipócrita a alguns leitores que um pensador que recorre tão frequentemente a piadas faça esta observação, mas como Pfaller e McGowan mostram nos seus artigos do Vol. 1.1, o humor de Žižek é apenas um meio para um fim muito mais significativo. Mais do que isto, e paradoxalmente, pode bem ser verdade que a verdadeira irreverência resida na falta de sentido de humor dos seus próprios acusadores.

Sem seriedade a teoria torna-se nada mais do que a má consciência da ideologia dominante. Ela oferece perguntas mas nunca se aproxima da verdade. Só uma teoria séria pode permitir-nos reconhecer a verdade de que vivemos sem estarmos disso conscientes. Só através de uma seriedade teórica existe a possibilidade de nós desistirmos da demanda de uma verdade baseada no conhecimento e de aceitarmos uma verdade de não-conhecimento que estrutura o nosso ser. Mas primeiro temos de reconhecer que o caminho para o conhecimento está recheado de piadas. (McGowan, IJŽS Vol. 1.1: 66)

Um ponto importante do IJŽS é, portanto, reafirmar as credenciais intelectuais de Žižek sem que isso se ressinta neuroticamente no seu prazer! Žižek é possivelmente criticado em alguns dos grupos mais retrógrados da inteligência pela natureza sem escrúpulos e escatológica das suas análises e do seu sentido de humor, literalmente de excremento (por exemplo: a sua discussão orientada em torno da referência ao esfíncter sobre a elasticidade de conceitos teóricos e a sua examinação da significação cultural das diferenças nacionais no design das casas de banho – ver em baixo os links dos artigos para ambos). Ele indubitavelmente não quer dizer o que não se pode dizer e por isso evita a síndrome das "Belas Almas" de pensadores que se esquivam a dar seguimento ao que dizem. Ele não se esquivava às implicações totais da firme certeza e vontade de agir no mundo de figuras tão díspares como S. Paulo e Lenin.

O método na loucura de Žižek

Esta familiaridade teórica com todos os tipos de realidades, ainda que remotas relativamente à vida ou horizontes académicos, permite a Žižek construir aquele campo único de operação teórica que caracteriza a sua obra. Como muitos observadores notaram, as realidades mais heterogêneas tornam-se parte da teoria de Žižek. De "Matrix" a Marx, de uma piada sórdida a outra, de sexo violento aos Flinstones, da tortura da CIA aos brinquedos de crianças, de anúncios da Coca-Cola aos segredos do partido Comunista; nada é demasiado elevado ou demasiado baixo para ser excluído do âmbito da sua filosofia. Isto cria uma atmosfera extremamente igualitária na perspectiva de Žižek (Pfaller, IJŽS Vol. 1.1: 43)

Além da sua rejeição das tendências mais tímidas da maior parte da teoria cultural, a obra de Žižek é constituída por uma compreensão extraordinariamente perceptiva e católica das particularidades, quer formais quer conteudísticas, da cultura visual. Apesar da sua tendência para uma teoria aparentemente abstracta, esta apreciação faz dele um ilustrador fascinante da formulação paradoxal de Hegel de que "o espírito é um osso". Com aparente facilidade, ele varia entre a filosofia obscura e uma miríade de referências diárias seleccionadas da cultura visual, com uma familiaridade ironicamente estranha a muitos populistas culturais adeptos de forma mais aberta e acrítica da cultura popular. Ele evita, assim, o que C. Wright Mills pejorativamente descreveu como "empirismo abstracto" de perspectivas contemporâneas da cultura mais nominalmente baseadas. O seu *modus operandi* confronta constantemente os seus leitores com a irreduzível complexidade da relação entre teoria elevada e as suas várias manifestações no mundano – para a sua melhor clarificação mútua.

Uma das características mais apelativas de Žižek é este incrível e frutuoso empréstimo, tanto da cultura popular como do cânone literário, para contactar criativamente com os mecanismos demasiadamente explícitos daquilo que Kracauer apelida de "golpe contra a compreensão", criado tanto por um excesso social de imagens como pela sua tendência dentro dos sistemas modernos dos media para produzir, em termos de significação, ou tautologia, ou contiguidade impressionista. Žižek faz parte de uma soberba linhagem de pensadores críticos que partilham uma aversão a uma acomodação acrítica a identidades unidimensionais das formas sociais dominantes. A sua qualidade inovadora, contudo, advém da imaginação e ingenuidade das ligações e associações que ele faz com as suas especulações de elevada energia. Žižek consegue alcançar as partes que outros teóricos não conseguem ao evitar com sucesso a tendência dos académicos (talvez alimentada pela culpabilidade da classe-média) para glorificar a cultura popular como emancipadora, mesmo quando tais asserções começam a atingir níveis de credibilidade Panglossianos no seu limite (e.g. a interpretação de Mark Poster de tais espectáculos exploradores de cirurgia estética "totalmente alteradora" como *O Cisne* como poderosas ilustrações da noção Foulcauldiana da noção de *cuidado do eu* [1]). O que distingue

Žižek como um teórico crítico par excellence, é o modo como ele habilmente põe de lado a cansada e preguiçosa acusação de elitismo nivelada com figuras como Adorno, ao baixar-se e sujar-se na sua perspectiva extremamente abrangente da cultura popular.

Como Laclau diz no seu prefácio a *O Objecto Sublime da Ideologia* o trabalho de Žižek:

... contém um convite implícito à destruição da barreira que separa as linguagens teóricas das que se usam na vida quotidiana. O criticismo contemporâneo à noção de metalinguagem preparou o terreno para uma transgressão generalizada de fronteiras, mas o texto de Žižek – com a sua oscilação entre filme e filosofia, literatura e política – é especialmente rico neste aspecto. Ninguém que confira uma "transcendência super-severa" à sua própria perspectiva teórica ou que continue a viver no mundo mitológico dos "case studies" vai sentir-se confortável a ler este livro. (Žižek 1989: xiii)

Enquanto que os seus engenhosos exemplos podem não ter sempre o efeito pretendido (tal como a sua debatível assumpção peristáltica de que o chocolate é um agente causador de prisão de ventre), o seu objectivo subjacente raramente se afasta de um admirável compromisso com o desafio às perspectivas dominantes, com a sua contribuição própria para os procedimentos – a sua defesa de *olhar com desconfiança* e o imperativo de adoptar uma *perspectiva de paralaxe*. O seu pensamento crítico não identitário é inspirado pela:

...A tese Lacaniana segundo a qual a verdade tem a estrutura de uma ficção: naqueles meses confusos da passagem do "socialismo realmente existente" para o capitalismo, a *ficção de uma "terceira possibilidade" foi o único aspecto ao qual não se apagou o antagonismo social*. Aqui reside uma das tarefas da crítica "pós-moderna" da ideologia: designar os elementos dentro de uma ordem social existente que – sob a aparência de "ficção", ou seja, narrativas "utópicas" de histórias alternativas possíveis mas falhadas – apontam na direcção do carácter antagónico do sistema, e assim "separam-nos" da evidência própria da sua identidade estabelecida. (Žižek 1994: 7)

É este compromisso metodológico com o não-presente, a futura possibilidade do actualmente impossível, que nós encontramos noutros teóricos "pós-modernos" da ideologia, tais como os argumentos patafísicos da crítica de Baudrillard à ordem semiótica totalitária e a conceptualização de Badiou do *acontecimento* explorado detelhadamente no Vol. 1. 2 do IJŽS.

Um Homem com Qualidades - Žižek o intelectual público

... o grupo que adquiriu poder certamente não abandona a ideia, apesar de na verdade ter abandonado a ideia e se encontrar agora apenas flutuando ao longo da realidade (pensa-se, por exemplo, da Igreja durante o Renascimento). Um instinto infalível ensina-lhe que a ideia é um excelente aliado em quem pode sempre confiar, se alguma vez o seu direito a existir for posto em causa. Por isso, ele negocia um astucioso fio de uma dialéctica para deduzir da ideia todos os seus empreendimentos na realidade, para que as inocentes sensibilidades possam acreditar que o grupo está a agir como o seu executor. Mas as suas relações com

os conteúdos do dever-ser que uma vez o constituíram são agora, na verdade, apenas de um tipo superficial, sendo que a ideia se tornou puro ornamento, uma fachada ostensiva para um interior em parte apodrecido que representa, juntamente com esta fachada, uma unidade que não é nada menos do que a paródia do espírito. (Kracauer 1995 [1922]:167)

Outro factor significativo para o destaque tão poderoso de Žižek no actual clima intelectual reside no modo como ele consegue personalizar as virtudes de um *público intelectual* sem compromisso aparente com as poderosas pressões inibidoras criadas pelo ambiente quer da esfera pública altamente mediatizada, quer do mundo mais insular das universidades. A "ostensiva fachada" de Kracauer, que esconde um "interior em parte apodrecido", e a "paródia do espírito" que daí resulta, é directamente aplicável à actual combinação entre a burocracia dentro das universidades e as gramáticas conceptualmente enervantes do discurso dos media, que fazem o papel de "excelente aliado" de Kracauer na promoção do pensamento instrumental, às custas de um autêntico inquérito intelectual.

Em termos da esfera pública mediatizada, os interessados no pensamento radical são obrigados a procurá-lo nos interstícios não dominados por uma imprensa predominantemente acrítica, preocupantemente auto-referencial e mutuamente cordial, que, apesar do facto de, "se eles acreditassem em algo diferente não estariam sentados onde estão sentados" (Edwards and Cromwell 2003: 90) ainda se orgulham da sua integridade profissional e intelectual. Entretanto, sentiu-se muito mas discutiu-se pouco (pelo menos em qualquer departamento oficial), um aspecto actual da vida universitária excessivamente organizada, que é o grau em que a exploração das ideias por elas próprias tem que ser cada vez mais discutida, em vez de ser simplesmente assumida como as falhas de um académico. Os intelectuais verdadeiramente inquiridores encontram-se agora frequentemente numa situação semelhante à de um Católico devoto no tempo de Borgias, lutando para arranjar espaço para rezar o terço no meio de uma orgia papal.

Bem munido como ele está a partir das experiências da sua carreira precoce na burocracia do Partido Comunista na ex-Jugoslávia, e tendo aparentemente aperfeiçoado uma existência académica de viajante altamente bem sucedida para ser invejado pelo regular académico institucionalizado, Žižek é uma figura inspiradora pela maneira como ele clarifica estas dificuldades encontradas pelo pensamento crítico. Construído como já vimos sobre o humor frequente, a obra de Žižek combina coragem e vigor intelectuais com um nível de complexidade teórica que fornece um antídoto de boas vindas não só para as limitações inerentes aos intelectuais criadas pela cultura insular dos media e das gramáticas pré-dedicadas, mas também as falhas da comunicação estereotipada dos académicos que nem sempre são avessos a "fazer o Homer parecer balanços gerais e balanços gerais parecerem o Homer" (Davies 1996: 23). "Um astucioso fio de uma dialéctica" é talvez um sumário apostado da revitalizadora mistura de Žižek com Hegel, Marx e Lacan e a sua vontade para atravessar o abismo entre os aparentemente incomensuráveis reinos dos media e dos académicos. Manobrando entre a Cila da miopia

académica e o Caribdis de um discurso etiolado dos media, Žižek é uma lembrança muito requerida de que ainda é possível subverter a imediata aceitação predominante da "ostensiva fachada" de Kracauer com conceptualizações radicais.

Ciência Social & Žižek – a verdadeira natureza da perversão

Nesta edição de abertura, os membros da Direcção relacionam Žižek com as suas próprias perspectivas disciplinares. As *Ciências Sociais* de estilo próprio têm muito a ganhar com as suas especulações, uma vez que elas frequentemente lutam para compreender a cada vez mais bizarra cultura visual, que nos traz instâncias tão surreais como o Presidente dos Estados Unidos levando um peru de plástico para uma confusa tenda das suas tropas estacionadas no Iraque ou fotogenicamente provocando *inveja ao Top Gun* a bordo de um transportador aéreo. Muita da erudição dos media tem tendência ou a pôr completamente de lado este tipo de instâncias, ou a continuar a interrogá-las com metodologias inapropriadas (ainda que sólidas). Esta resposta inflexível claramente não consegue abarcar as complexas subtilezas daquilo a que Raymond Williams chamou de "estrutura do sentimento" que impregna o ambiente dos nossos media. Por exemplo, permanece pouco evidente o que uma análise de conteúdo ou um questionário rigorosamente aplicado podem demonstrar sobre a verdadeira natureza das miudezas do Presidente.

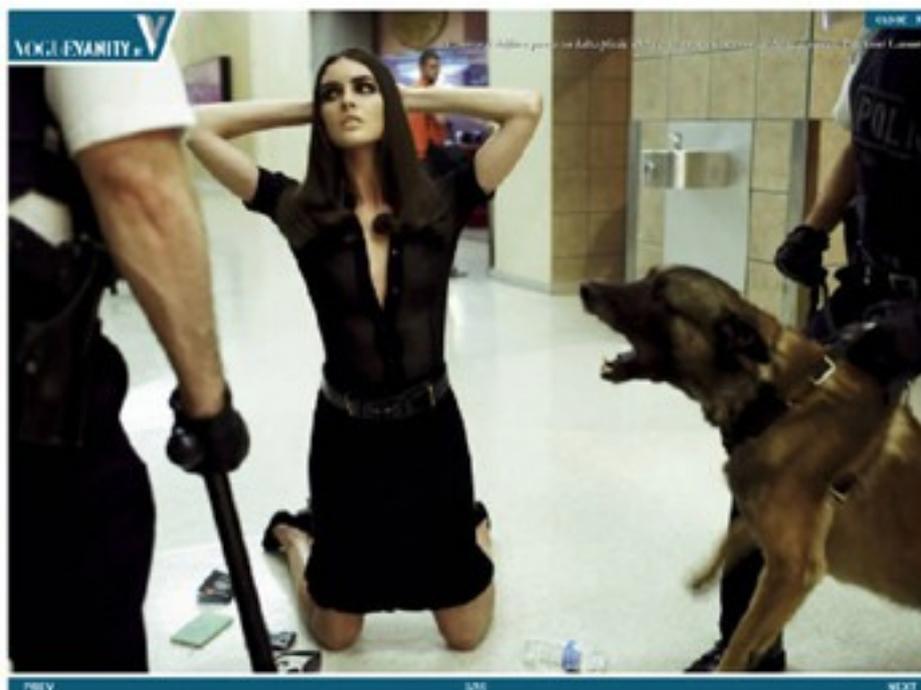
Apesar de ter apresentado um programa televisivo em três partes no Reino Unido intitulado *O Guia do Pervertido para o Cinema* e de se exprimir frequentemente numa forma que abeira a coprofilia, uma importante característica da obra de Žižek é a sua explicação de origem Lacaniana da verdadeira natureza da *perversão* como uma excessiva identificação com regras e regulamentos (o Simbólico Big Other). Assim, a sua obra oferece uma dimensão completamente nova para compreender os mecanismos ideológicos da cultura dos mass media. A sua constante vontade para especular imaginativamente permite-nos ver quanta erudição convencional e nominalmente mais objectiva das ciências sociais é de facto baseada numa excessiva e pervertida ênfase sobre os meios de investigação que empregam, em vez de quaisquer outros fins intelectuais – o equivalente metodológico a procurar junto ao poste de electricidade as chaves que caíram no lado escuro da rua, só porque aquele é o sítio onde a luz é mais forte. Esta análise Žižekiana da ideologia como um fenómeno do aberto, em vez do obscuro, apresenta um ângulo novo ao estudo da paradoxal criação da cultura visual contemporânea, a *explicitação sem compreensão*, que acrescenta uma outra dimensão à perspectiva precoce de Kracauer, segundo a qual: "Nas revistas ilustradas, as pessoas vêem o mundo real que as revistas ilustradas querem impedir as pessoas de ver... Nunca antes uma época soube tão pouco sobre si mesma. Nas mãos da sociedade dominante, a invenção de revistas ilustradas é um dos meios mais poderosos para organizar um golpe contra a compreensão." (Kracauer 1995 [1927]: 58)

Um exemplo vivo actual não só do papel particular das revistas ilustradas, mas também, da

sua representação ao estilo de um tropo de tendências sociais mais abrangentes, podem ser vistas no seguinte exemplo de como os media lidam com interrupções perturbadoras do *Real* para o *Simbólico*. Os leitores podem ainda recordar a sua reacção inicial às perturbadoras imagens que saíram de Abu Ghraib que incluíam as seguintes:



Na principal corrente dos media do EUA, qualquer inquietação pública inicial foi rapidamente substituída pelo humor de cooptação a ponto de serem feitas "piadas" no *Late Show* de David Letterman poucas semanas antes do furor inicial[2]. Este processo de aclimatização/ recusa mediatizada da maioria talvez tenha atingido o seu oposto em Setembro de 2006 com uma sessão fotográfica na revista italiana *Vogue* que incluiu uma série de imagens que mostravam homens de uniforme a punir fisicamente mulheres em vários estados perturbadores de subordinação. A seguinte imagem, talvez de forma mais eloquente do que as palavras por si podem ser, ilustra a validade das perspectivas de Kracauer e de Baudrillard.



Žižek relaciona-se frontal e criativamente com os mecanismos excessivamente explícitos deste "golpe contra a compreensão". Ele apresenta perspectivas consistentemente ressonantes para a paradoxal situação de uma sociedade na qual, bastante como no cenário em *A Carta Roubada* de Edgar Allan Poe, que Lacan e Žižek referem na sua obra, a compreensão está subvertida por demasiada transparência, em vez de esta ser escassa. O uso que Žižek faz do molde psicoanalítico de Lacan apresenta perspectivas sobre a actual experiência vivida da cultura visual que são excluídas pelas limitações metodológicas inatas às focagens mais nominalmente empíricas.

Žižek é, portanto, um precioso guia para aqueles que procuram uma compreensão crítica de uma sociedade mediada pela *obs-cena* como indicado na nossa consideração das fotografias acima. O conceito hifenizado de Baudrillard descreve convincentemente a elevação cultural do "fora-cena". A *obs-cena* descreve então a implosão da tradicional distância entre a audiência e a actuação. Uma cultura com diversas formas de palcos em arco é agora substituída por uma em que: "Tudo deve ser produzido, tudo deve ser legível, tudo deve tornar-se realidade, visível, responsabilizado... Isto é o sexo como ele existe na pornografia, mas mais genericamente, esta é a iniciativa da nossa cultura, cuja condição natural é obscena: uma cultura de mostraçã, de demonstraçã, de produtiva monstruosidade." (Baudrillard 1990 [1979]:34-35). Em face de tão extrema explicitaçã, os cultivados meios de Žižek *olhar com desconfiança* criam a *perspectiva de paralaxe* que serve para reintroduzir o muito necessitado espaço para pensamento crítico. Com este distanciamento criado pela teoria, ele produz consistentemente uma interpretaçã multifacetada do mundo mediatizado - *através*, não apenas apesar, da sua muito divertida facilidade para o conto de histórias. No Vol. 1.1. do IJŽS, Robert Pfaller apresenta um esclarecido relato de

como, paradoxalmente, "Precisamente através dos seus exemplos", Žižek é bem sucedido a evitar que a sua filosofia se torne uma história."

O exemplo é elevado à dignidade de um instrumento teórico: isto é o que distingue a teoria de Žižek de muitos esforços nos estudos culturais contemporâneos que aparecem igualmente próximos das suas respectivas realidades. Porém, os estudos culturais hoje carecem muitas vezes de distanciamento do seu material. Eles sentem-se muito apropriados quando estão completamente imersos no seu objecto, a realidade cultural ou sub-cultural que descrevem. Žižek, pelo contrário, nunca penetra na mesma intimidade com os elementos que usa. Sendo tomadas como instrumentos teóricos, os exemplos ajudam-no a adquirir distanciamento da compreensão própria da realidade com a qual ele lida. (Pfaller IJŽS Vol. 1.1: 44)

Pfaller descreve vividamente a perspectiva de Žižek como usando "Assuntos sujos como instrumentos bem definidos" e explica como isto preenche a "Regra de Ouro" do materialismo de Althusser: "Não julgues uma determinada realidade de acordo com a sua consciência/Ne pas juger de l'etre par sa conscience". Žižek está sempre consciente do status metodológico dos seus exemplos e portanto, ao contrário de tantos pensadores críticos, evita cair nos vulgares encantos dos seus estímulos superficiais.

Conclusão

Ainda que seja verdade que uma ideia socialmente eficaz é lançada no mundo por personalidades individuais, a sua verdadeira corporalidade é produzida pelo *grupo*. O indivíduo de facto gera e proclama a ideia mas é o grupo que a suporta e assegura que ela é realizada. (Kracauer 1995 [1922]: 143-144)

Sempre que uma ideia cultivada por uma figura importante se incorpora como um grupo, a inconfundível individualidade ligada àquela figura perde-se na transição, intensificando as relações entre a ideia e as muitas séries de experiência nas quais estava fixada quando ainda era controlada pelo ser individual. Nada indica mais claramente a mudança que a ideia sofre neste processo do que, por exemplo, a aversão de Wagner aos Wagnerianos, ou a afirmação de Marx de que ele não era Marxista. (ibid: 153)

Nas duas citações acima do ensaio de Siegfried Kracauer *O Grupo como um Suporte de Ideias* pode-se ver tanto a oportunidade como o risco de dedicar um jornal à obra não só de um pensador individual, mas de um que está bem vivo e capaz de assegurar ao mundo que ele não é nenhum Žižekiano! O IJŽS reconhece que será difícil fazer sempre inteira justiça à inimitabilidade de Žižek, mas sente que o risco vale a pena para promover mais o desafio que a sua obra põe às disciplinas académicas estabelecidas. Este jornal é, portanto, construído para apresentar a consideração sustentada que a sua obra merece enquanto que ainda aprecia a inconfundível individualidade que Kracauer avisa que pode estar perdida na tradução transitiva para o grupo.

Não obstante a afinidade visceral de Žižek com a tradição intelectual Judaico-Cristã, há um ditado budista que diz: "quando um dedo aponta para a lua, o homem tolo olha para o dedo". O que atrai as pessoas para a obra de Žižek, e continua a manter o seu interesse, é a forma como os seus esforços teóricos persistentemente interrogam a verdadeiramente perversa natureza dos académicos que persistem em olhar para o dedo em vez de olharem para a lua.

Notas Finais:

1. Mark Poster *Swan's Way: Care of the Self in the Hyperreal* - Discurso programático na Conferência *Engaging Baudrillard* na Universidade de Swansea, UK, 4 a 6 de Setembro de 2006.
2. Para uma discussão mais alargada sobre as imagens Abu Ghraib ver (Taylor 2007) - http://www.ubishops.ca/BaudrillardStudies/vol4_1/taylor.htm , "The Pornographic Barbarism of the Self-Reflecting Sign"

Referências:

- Baudrillard, J. (1990) [1979]. *Seduction*, London: MacMillan.
- Davies, M. L. (1996), 'University culture or intellectual culture' in B. Brecher, O. Fleischmann and J. Halliday (eds.) *The University in a Liberal State*, Aldershot: Avebury.
- Edwards, D. and Cromwell, D. (2005). *Guardians of Power: The Myth of the Liberal Media*, London: Pluto.
- Kracauer, S. (1995 [1922]). 'The Group as Bearer of Ideas' in *The Mass Ornament: Weimar Essays*, London: Harvard University Press.
- Kracauer, S. (1995 [1927]). 'Photography' in *The Mass Ornament: Weimar Essays*, London: Harvard University Press.
- Žižek, S. (1989). *The Sublime Object of Ideology*, London: Verso.
- Žižek, S. [ed.] (1994) *Mapping Ideology*, London: Verso.
- Žižek, S. (2004). *Iraq: The Borrowed Kettle*, London: Verso.
- Žižek on toilet design - http://www.lrb.co.uk/v26/n17/print/zize01_.html , The London Review of Books
- Žižek on stretching a concept - http://www.lrb.co.uk/v26/n17/print/zize01_.html , Critical Inquiry